

## **EDUCAÇÃO EM VALORES: A COOPERAÇÃO PARA FORMAÇÃO DE CAPITAL SOCIAL A PARTIR DO ESPORTE VOLEIBOL**

Maria Auxiliadora Villar Castanheira<sup>1</sup>  
José Edmilson Souza-Lima<sup>2</sup>

### **Resumo**

*O movimento de globalização vem influenciando estudos sobre sustentabilidade e capital social para reduzir as desigualdades sociais e construir uma sociedade mais justa. A educação vem se tornando uma forte aliada para construção da cooperação, em especial o esporte enquanto ativo cultural e reprodutor de relações sociais. O presente estudo buscou evidenciar como a cooperação pode ser construída a partir do esporte voleibol visando a formação de um capital social para a sustentabilidade. O estudo mostrou que o esporte educacional tem um grande potencial para mobilização e transformação de atitudes mais cooperativas mesmo em ambientes competitivos.*

**Palavras-chave:** capital social, cooperação, voleibol.

### **1 INTRODUÇÃO**

O movimento de globalização que vem acontecendo nos últimos vinte anos, vem interferindo na estruturação das organizações, comunidades e sociedades de todo o mundo. Autores constatarem que ao mesmo tempo em que a globalização trouxe expressivos benefícios às sociedades pelos avanços tecnológicos e incremento da produção de bens de consumo, produziu enormes desigualdades sociais. A acumulação capitalista na economia neoliberal gerou riqueza e renda para uma pequena parcela da população mundial, ao passo que grande parte continuava ainda sem acesso e, inclusive, aos produtos básicos.

Entretanto, as concentrações do capital e de poder da sociedade moderna desencadearam processos desestruturadores do tecido social, ao estimular a competitividade, relações autoritárias, ao reprimir a cooperação, o convívio democrático, a solidariedade, e ao promover um retrocesso em termos de direitos a todos de cidadania (RIOS, 2004). Como saída para esta crise ética de valores, autores como Boff (2002), Capra (2006) e Gadotti (2007) apontam a necessidade de construir um paradigma civilizatório pautado na solidariedade, convivência, no cuidado de uns com os outros e de comunhão de todos com todos e com a Terra, com a natureza e com seus ecossistemas. Mas, como modificar este cenário de desigualdade e injustiça social? Evidencia-se desta maneira, a educação como forte aliada para desenvolvimento de valores de cooperação, construção de uma consciência coletiva e assim, de um capital social<sup>3</sup> para a sustentabilidade do ser humano no planeta.

---

<sup>1</sup> Mestre em Administração da UNIFAE – linha de pesquisa: Organizações e Desenvolvimento, abril de 2008. E-mail: [dora@win.psi.br](mailto:dora@win.psi.br)

<sup>2</sup> Sociólogo, Prof. Dr. em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Professor do Mestrado e da Graduação da UniFAE Centro Universitário. E-mail: [edmilson@bbs2.sul.com.br](mailto:edmilson@bbs2.sul.com.br)

<sup>3</sup> Capital social é percebido enquanto sistema que permite às pessoas cooperar, ajudar-se mutuamente, zelar pelo bem público e promover a prosperidade. Ele surge quando as pessoas com formação, com conhecimento e com cidadania se organizam para atingir objetivos comuns. Segundo Zapata (2003, p. 97) “articulação, organização e cooperação são preponderantes para solucionar os problemas da modernidade”. Assim, uma sociedade com forte capital social tem condições de fazer suas melhores escolhas.

Ao partir da premissa de que o capitalismo gera atitudes, valores e comportamentos individualistas e competitivos, a construção do capital social torna-se um desafio ainda maior, pois implica numa mudança cultural da sociedade. A questão central passa a ser: *como construir uma atitude cooperativa e de grupo dentro de um ambiente altamente competitivo e individualista?*

Para buscar compreender como a cooperação se desenvolve entre as pessoas e quais são seus entraves, o presente estudo analisou as relações sociais no esporte como objeto de estudo. De acordo com Marchi Jr (2002), o esporte enquanto fenômeno sócio-cultural, historicamente construído, possibilita identificar pré-disposições, características e valores de um determinado grupo ou sociedade, dentro de um determinado contexto histórico-político-social:

Na atualidade, o esporte tem sido considerado uma das manifestações culturais que, marcadamente, mais têm apresentado evoluções e transformações, sejam elas de ordem técnica ou referentes à forma de exposição e absorção pela sociedade. Desta consideração emerge o entendimento do esporte como um fenômeno social em processo de constituição, ou seja, as práticas esportivas refletem, na análise de seu contexto histórico, continuidades e rupturas que caracterizam a expansão de fronteiras e o afirmam como objeto de estudo passível de interpretações à luz de diferentes teorias e propostas metodológicas (MARCHI JR, 2002, p. 77).

O esporte analisado foi o voleibol por ser um esporte coletivo, e apesar de ser competitivo apresenta fortemente os valores de cooperação e trabalho em equipe. O fato do jogador não poder reter a bola no jogo, gera uma grande interdependência entre eles, e a cooperação surge da necessidade para que o jogo aconteça. Desta forma estar-se-ia reproduzindo o modelo atual da sociedade, onde as pessoas precisam viver coletivamente dentro de um sistema altamente competitivo. De acordo com Garrigou citado por Marchi Jr (2005, p. 5):

O jogo é invocado para explicar a dimensão concorrencial das relações sociais. (...) Ele, pode ser assim, um instrumento analítico tomado da realidade social ou imaginado para as necessidades de análise. (...) O jogo ou a competição caracterizam as relações de interdependência que ligam os indivíduos e que constituem os grupos sociais, quaisquer que sejam sua dimensão e sua posição social.

Dentre as manifestações do esporte, o estudo se fixou no esporte-educação, cujo conteúdo é fundamentalmente educativo. E em função desta premissa, foi escolhido para investigação um programa sócio-educativo para crianças e adolescentes, Programa Rexona AdeS Esporte Cidadão no Paraná (PRAEC-PR), desenvolvido pelo Instituto Compartilhar, que tem por missão “contribuir para o desenvolvimento humano através do esporte”. Desta forma ficou estabelecido o recorte necessário para o estudo proposto.

A metodologia adotada foi um estudo exploratório-descritivo de natureza quantitativa e qualitativa<sup>4</sup> que, segundo Gil (2002, p. 41), um estudo exploratório “tem

---

<sup>4</sup> De acordo com Rey (2002, p. 48) “a abordagem qualitativa no estudo da subjetividade volta-se para a elucidação, o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade e não tem como objetivos a predição, a descrição e o controle”. Portanto, a pesquisa qualitativa busca o conhecimento de um objeto complexo, com base na subjetividade, e considerando o sujeito concreto, cuja história e contexto se modificam durante o seu processo de desenvolvimento.

como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições”. Por ser um tema complexo, a intenção do estudo não foi de fechar, concluir, definir e sim ampliar, alargar o conhecimento incluindo os diversos saberes, apoiados na matriz da complexidade (MORIN, 1998).

Para a coleta de dados, o estudo utilizou-se de diferentes fontes, a saber: informações através de entrevistas via questionário com questões específicas e abertas para professores (22), alunos de 9 a 14 anos (163) e pais (148) dos alunos do Núcleo Central do Programa REXONA ADES Esporte Cidadão (PRAEC). Foi escolhido este Núcleo por apresentar uma amostra representativa da cidade de Curitiba, pois seus alunos são originados de mais de 100 escolas (públicas e particulares) e residentes em vinte bairros da grande área metropolitana de Curitiba.

Os dados coletados a partir destas diversas fontes foram tratados qualitativamente através da análise de conteúdo (BARDIN, 2004)<sup>5</sup> e compreendidos a partir da técnica de triangulação<sup>6</sup> (TRIVIÑOS, 1987) das diferentes fontes de informações. Assim o valor cooperação foi abordado e compreendido a partir da percepção dos diferentes públicos que participam do projeto sócio-esportivo.

Para análise sociológica o estudo optou pelos modelos de análise dos sociólogos Pierre Bourdieu (Teoria dos Campos) e Norbert Elias (Modelos de Jogos), pelo fato de ambos aproximarem o jogo à realidade social. O modelo de jogos de Norbert Elias auxiliou o estudo compreender um pouco mais como a cooperação ocorre nas relações sociais: “o que faz ou motiva (forças sociais compulsivas) as pessoas a cooperarem no jogo de voleibol? E o que as inibe? Será que esta cooperação é voluntária, ou coercitiva, em função da própria estrutura do jogo? Qual é a função da cooperação no jogo de voleibol? Por que é difícil cooperar sempre?”.

A partir da Teoria dos Campos de Bourdieu (1983) buscou-se compreender o conceito de *habitus*<sup>7</sup>, para compreender como este valor cooperação é transmitido e incorporado nas crianças e adolescentes do PRAEC. Sendo assim, conhecer a história dos campos (estruturas) e as disposições (*habitus*) dos agentes sociais é imprescindível para traduzir as especificidades (estruturas estruturantes e estruturadas) contidas na realidade social.

De acordo com Bourdieu (1983, p. 92) “campos distintos possuem normas de funcionamento invariantes, o que torna possível a utilização do aprendizado de um estudo de determinado campo na interrogação e interpretação de outros”. Isto quer dizer que, conhecendo as leis imanentes do sub-campo, por exemplo, o voleibol educacional na instituição pesquisada e o de seus participantes, é possível compreender, em parte, a lógica das relações e representações sociais que se dão no campo social daquele local.

---

5 De acordo com Laurence Bardin, a análise de conteúdo (AC) tem por objetivo explicitar e sistematizar os conteúdos das mensagens e corresponde a “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2004, p.37).

<sup>6</sup> Esta técnica de triangulação é uma forma de checar as consistências das evidências, buscar convergências e divergências, cruzando as informações obtidas nas entrevistas com os diferentes grupos da amostra além dos documentos examinados: dados cadastrais e pesquisas elaboradas pelo PRAEC com seus alunos e pais em diversos anos de Programa.

<sup>7</sup> Para Bourdieu, *habitus* tem uma capacidade criadora, formadora: “é um sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim” (BOURDIEU, 1983, p. 94).

Ao constatar que situações do esporte se aproximam das relações sociais da sociedade, o estudo estará contribuindo também com uma parcela do entendimento de como um grupo consegue lidar com estes dois extremos, competição e cooperação, em dois campos distintos, no esporte e na vida. Estas foram as inquietações, que originaram o interesse no estudo proposto, através do esporte, enquanto meio de “educar”<sup>8</sup> a sociedade para os valores de cooperação e solidariedade, mesmo num “ambiente competitivo”, retomando assim os valores essenciais de convivência humana de forma pacífica.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Para Pierre Bourdieu (2007) o capital social refere-se à soma de recursos decorrentes da existência de uma rede de relações de reconhecimento mútuo institucionalizada em campos sociais<sup>9</sup>. De acordo com o autor, as ligações entre os indivíduos se dão por relações objetivas (proximidade no espaço físico ou no espaço econômico ou social) e subjetivas (reconhecimento, valores de respeito, amizade, etc.), que geram estratégias de investimento com vistas à construção de relações necessárias, úteis, eletivas e duráveis.

Neste sentido pode-se inferir que o ato de cooperar ou não poderia ser considerado uma estratégia de investimento do ser humano que estaria ligada diretamente aos seus interesses objetivos ou subjetivos de construção de relações úteis, de curto ou longo prazo.

Para Elias (1970) as relações sociais se dão em forma de teias de interdependências ou configurações<sup>10</sup> orientadas por forças sociais compulsivas<sup>11</sup>, que nascem pelas pessoas e manifestam entre e sobre as pessoas. Cada indivíduo ou grupo tem um potencial de poder que pode gerar certa vantagem ou potencial de controle das relações, por exemplo, o conhecimento técnico, poder econômico, relacionamento, status, característica pessoal, dentre outros. O Modelo de Jogos (Elias) se baseia na busca do controle mútuo das relações sociais, ou seja, uma situação de equilíbrio, pois o poder, característica estrutural das relações humanas, manifesta-se nos desequilíbrios de potenciais<sup>12</sup> (de poder). Poder é tudo que pode influir / influenciar no outro. E à semelhança do campo de Bourdieu sempre haverá estratégias para conquistar o poder, isto é, dominar. Conciliando os dois autores, Bourdieu e Elias, pode-se inferir que o ato

---

<sup>8</sup> O termo “Educar”, aqui utilizado, tem o sentido de educação enquanto um direito de todos e não restrito a poucos (como é o esporte de rendimento). Como a maioria da população passa por uma escola, o esporte educacional na escola ou na comunidade pode ser um caminho que possibilite o acesso a todos – educação formal (fazendo parte da Educação Física) ou informal (enquanto projeto extra-aula, ou o esporte educacional ou de participação desenvolvido em comunidades, clubes, associações, ONGs, etc.).

<sup>9</sup> O campo social é entendido por ele como o espaço onde se manifestam as relações de poder, e que se estruturaria a partir da distribuição desigual do capital social, que Bourdieu denomina quantum social.

<sup>10</sup> Segundo Elias, configuração é o “padrão mutável criado pelo conjunto de jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou adversários” (ELIAS, 1970, p. 142). Uma família é uma configuração, uma instituição é uma configuração. Você pode participar de várias configurações e exercer diversas funções e ter diferentes potenciais de poder em cada configuração.

<sup>11</sup> “Forças sociais compulsivas” significam para Elias, as pulsões ou necessidades externas às emoções que movem as pessoas, para atingir seus objetivos pelas, sobre e entre as pessoas, e que depende do potencial de poder (MARCHI JR, 2007).

<sup>12</sup> Potencial de poder ou forças compulsivas para Elias (1970) é o conjunto de valores, atitudes, comportamentos que podem gerar uma ação que pode influir sobre, entre e com o outro. O potencial de poder não é uma característica pessoal, e sim, um conjunto de potencialidades de poder em que está estruturado. A pessoa que tem um cargo de diretor ou presidente de uma empresa, por exemplo, tem grande potencial de poder enquanto estiver vigente no cargo.

de cooperar poderia ser uma estratégia de disputa de poder no sub-campo, desde que este valor tenha significado e um reconhecimento por parte do participante e da estrutura, isto é, se este valor fizer parte da estrutura estruturada e estruturante do programa pesquisado. E as crianças tenderão reproduzir este valor e manter esta estrutura desde que este “jogo” de relações tenha um valor objetivo ou subjetivo para ela.

#### *A cooperação*

De acordo com Martinelli (1996, p. 45) a cooperação significa “fazer junto, trabalhar em comum”. Toscano (2004, p. 86) concorda com este conceito, mas para ela, a cooperação nasce de uma necessidade, não é natural. Está relacionada com as condições de sobrevivência para os grupos sociais, mostrando assim o seu caráter coercitivo. Ela justifica citando que em momentos de dificuldades, de catástrofes, há uma tendência das pessoas cooperarem entre si (controle social), e nos momentos de maior estabilidade esta cooperação tende a desaparecer.

Pujol i Pons e González (2006, p. 121) têm outra opinião. Para eles a cooperação é um valor de duas mãos, tem que haver reciprocidade, caso contrário é só uma ajuda. Então, cooperar é “eu ajudo os outros, e eles me ajudam”, ou melhor, “eu benefico os outros e os outros me beneficiam, e ambos saem ganhando. O autor cita que o processo de aprendizagem da cooperação é ao mesmo tempo fácil e difícil, pois o ser humano tem a tendência inata à socialização, mas também, tem características egocêntricas, que é parte de sua natureza. Nesta direção, o ser humano oscila entre cooperar (porque necessitamos dos demais para subsistir) e ser “egoísta” (entendido como cuidar de nós mesmos). Para o autor, “uma atitude de cooperação implica admitir a individualidade de si mesmo e dos outros para, depois, poder comunicar com eles, influenciar e deixar-se influenciar, ajudar ou deixar-se ajudar” (PUJOL i PONS E GONZALEZ, 2006, p. 122).

Andrioli (2007) num estudo sobre as práticas educativas verificou que a educação “cooperativa” envolve uma consciência coletiva para o agir conjuntamente para transformar, com base no respeito mútuo, na participação, no reconhecimento de si mesmo e da individualidade do outro, e tudo dentro de um guarda-chuva maior que é a convivência pacífica, o bem-estar social.

Para o mesmo autor, já na prática educativa “competitiva” predomina a lógica baseada na comparação, onde a vitória e superioridade são medidas por competência, mas de forma excludente e individualista. Não há reconhecimento do outro a não ser como um inimigo e competidor.

Por outro lado, a educação do tipo cooperativa visa a solidariedade e a transformação das relações sociais geradoras de opressão, competição, exclusão, alienação e preconceito. Maturana e Rezepka corroboram ao considerarem que os valores não são aprendidos e sim vivenciados, de forma intencional. É preciso praticá-los.

#### *Resultados da Pesquisa*

A pesquisa com os professores do PRAEC revelou que há diferentes entendimentos do conceito de cooperação, e as pessoas agem segundo esta compreensão do valor. Uns acham que é “ajudar o outro” (68%) e/ou “trabalhar em conjunto” (45%) ou ainda “unir em função de um objetivo comum a ser atingido” (45%). Este último parece ser o conceito que mais se aproxima do desejável para a construção do capital social preconizado por Bourdieu que cita os interesses objetivos ou subjetivos como causas de construção de estratégias para relações úteis, de curto ou longo prazo.



Dentre os efeitos da cooperação no voleibol, a maior parte dos professores considera que a cooperação melhora a produtividade (68%), e facilita atingir os objetivos (27%). Transferindo para a vida, pode-se dizer que o fazer junto pode trazer melhor resultado que isoladamente, que é um princípio básico de construção de capital social.

Considerando que os valores são aprendidos praticando-os, a pesquisa mostrou que no programa o valor cooperação é praticado de forma concreta e intencional durante as aulas através da organização dos exercícios (53%), onde um grupo realiza o exercício e o outro auxilia no recolhimento das bolas; na montagem e desmontagem das quadrinhas de vôlei para a aula; ajudando o colega principalmente aquele com maiores dificuldades (41%), jogando com ele, orientando-o ou ainda aceitando seus erros e/ou tentando corrigi-los. A cooperação tem a intencionalidade de ser uma prática inclusiva, mesmo que haja crianças que entendem o ato de cooperar como uma forma de poder, isto é, “eu coopero e ajudo o outro para ganhar reconhecimento do meu professor e mostrar à outra criança que eu sou melhor do que ela no vôlei”. Daí a importância da intervenção e intencionalidade do professor na condução deste trabalho de valores:

E3 - É dever dos professores do Programa salientar a importância deste valor na prática diária do aluno, em toda a concepção do voleibol, a cooperação entre os participantes irá tornar o desenvolvimento, técnico, cognitivo e psico-social da criança muito mais rico e permanente, não só para a prática esportiva, mas também o que ela vai levar para a vida no futuro é um valor necessário.

Na aprendizagem do valor cooperação, a maior preocupação dos professores é com a compreensão (45,5%) do conceito e a conscientização sobre a importância da cooperação no vôlei, na família, na escola e na vida em geral.

Ao verificar com os alunos do Programa os motivos que os levam a cooperar, isto é, as forças sociais compulsivas (isto é, interesses, necessidades, pulsões), os resultados evidenciaram o “vínculo afetivo” (53%) em primeiro lugar, seguido do “princípio de vida” (24%). O vínculo afetivo corresponde à relação com os colegas, com o professor e com o Programa de uma forma geral.

E4 – No programa os alunos desenvolvem um grande sentimento de amizade entre eles, o que faz com que esse espírito de cooperação aumenta ainda mais. Acredito também que a boa relação dos professores com os alunos faz com que queiram cooperar.

Outro fator que estimula a cooperação é o ambiente adequado que estimule, encoraje, e dê segurança para que a criança coopere:

E18 - Acredito que o ambiente favoreça a cooperação. Se ela vive em um ambiente que não passa segurança para ela isso dificulta a sua cooperação voluntária.

Nesta direção pode-se inferir que se a criança “gosta do Rexona e dos colegas”, se ela acha importante cooperar (pela pesquisa PRAEC com os alunos), então cooperar com seus amigos e professor fará um profundo sentido e, mediante isso, ela estará mais motivada a cooperar.

Transportando para o mundo globalizado, será que a cooperação idealizada por Leonardo Boff e outros autores da sustentabilidade só será possível entre os grupos

onde há vínculo afetivo? Somente entre os iguais? Como cooperar com os desiguais? Se a cooperação for analisada somente sob este prisma “entre os iguais”, dificilmente irá se cumprir o que os teóricos da sustentabilidade preconizam.

Ao perguntar aos alunos: “por que às vezes não cooperam ou tem dificuldades de cooperar?”, os resultados revelaram que a falta de reciprocidade (“quando não cooperam”, “não se esforçam”, “são preguiçosos”) e os mecanismos de defesa (“quando não me tratam bem”, “quando não gosto da pessoa”, “quando vai me prejudicar ou prejudicar alguém”, “mau humor, cansaço, desejo ou preguiça”) foram os mais citados. Outros motivos relatados pelos alunos foram: desinteresse, falta de habilidade (não saber fazer) e quando não conhece as pessoas.

Como conviver cooperação e competição? Houve um consenso entre os professores entrevistados de que para competir no voleibol e ter êxito é importante cooperar, não havendo, pois, espaço para o individualismo, considerando a competição como natural e parte do contexto. Consideram que se a cooperação e competição forem trabalhadas juntas a competição não irá atrapalhar o trabalho da cooperação.

Derrota e vitória são símbolos e têm significados de poder, dominação, submissão e estão diretamente ligados à lógica da competição. É um produto cultural da sociedade, que influencia diretamente nosso modo de pensar, agir e perceber (nosso *habitus*). Uma mudança de *habitus* para a cooperação pressupõe, portanto, uma mudança do significado de vitória e derrota. Alguns professores conseguiram expressar um diferente sentido para estes conceitos:

E13 - Mesmo no esporte individual, o resultado da competição depende de um trabalho conjunto (...) a lógica da vitória é uma lógica de trabalho conjunto (de equipe ou de cooperação). Esta idéia reforça a força do fazer junto, no sentido de que precisamos um dos outros, que não conseguimos realizar nada sozinhos, mesmo numa competição individual.

Em geral, os professores também concordam que é mais difícil a criança cooperar na competição do que na aula de vôlei. A tendência é que, no momento em que o time está perdendo, a criança começa a jogar individualmente, querer resolver sozinha o problema. Outros professores percebem que só será possível haver cooperação em ambas situações se as crianças vivenciarem a aula juntamente com o jogo desde cedo.

### 3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apontou que a cooperação deve ser trabalhada em todas as situações, de forma conjunta, cooperação e competição, porque somente assim será capaz de construir uma melhor compreensão da função e importância de cada um nos diferentes momentos e circunstâncias, e conseqüentemente, provocar um melhor aprendizado destes valores a partir da vivência de situações diversificadas.

A cooperação desejada deve ser voluntária e não imposta. A questão, então, passa a ser “volitiva” (de vontade de participar, de auxiliar a equipe, de “afinidade” com o grupo). Compreender o significado do valor e sentir que ele tem um efeito positivo em sua vida traz bem-estar, reconhecimento do grupo e do professor; é pois, um caminho para que haja uma transformação do *habitus*. Quando a criança se sente acolhida no projeto pelo grupo a tendência é que ela passe a ter atitudes também mais positivas com o grupo.

Nestas declarações pode-se perceber que é importante um ambiente que acolha para que haja cooperação de forma voluntária, que é o tipo de cooperação preconizado pelo paradigma da sustentabilidade. A falta de respeito ou a não valorização do ser

humano cria exclusão e gera uma baixa auto-estima, perda de confiança em si e no grupo, fazendo com que o ser humano perca o interesse de fazer parte daquele grupo. Ao contrário, parece que se há uma relação de respeito, acolhimento e objetivos comuns fica mais fácil criar a confiança, bom relacionamento, compreensão e motivação do grupo. Pertencer àquele grupo passa a ser um prazer e um objetivo.

Como avaliação geral, os professores consideram que o trabalho de cooperação através do voleibol é possível, pois a criança tem condições de vivenciar na prática do volei a importância deste valor para atingir os objetivos e bem-estar do grupo. E conseguem transferir para o seu cotidiano em outros ambientes, ajudando nos afazeres domésticos, ajudando o professor na aula, dentre outras atividades. Entretanto, há um consenso de que a intervenção do professor e a intencionalidade do trabalho é fundamental neste processo para dar o direcionamento correto, orientação e promover a discussão do valor em várias situações, possibilitando assim a ampliação e compreensão do conceito.

## REFERÊNCIAS

- ANDRIOLI, Antonio Inácio. **Educação: um processo cooperativo**. Revista Espaço Acadêmico. n. 71, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.spcoacademico.com.br/071/71andrioli.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BOFF, Leonardo. **O nascimento de uma ética planetária**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.triplov.com/boff/etica.html>>. Acesso em: 19 nov. 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Escritos de educação**. NOGUEIRA, Maria A.; CATANI, Afrânio (Orgs). Petrópolis (RJ): Vozes, 9 ed, 2007.
- CAPRA, Fritjof. et al. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.
- GADOTTI, Moacir. **A ecopedagogia como pedagogia apropriada ao processo da carta da terra**. Disponível em: <[http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev21/moacir\\_gadotti.htm](http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev21/moacir_gadotti.htm)>. Acesso em: 19 nov. 2007.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARCHI JR, Wanderley. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, Marcelo W.; LUCENA, Ricardo F. (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas (SP): Autores Associados, 2002.
- \_\_\_\_\_. Jogo e esporte: manifestações histórico-culturais no modelo de análise sociológica de Norbert Elias. In: CARVALHO, Alonso B.; BRANDÃO, Carlos da F. (Orgs.). **Introdução à sociologia da cultura: Max Weber e Norbert Elias**. São Paulo: Avercamp, 2005.
- \_\_\_\_\_. ANOTAÇÕES das aulas da disciplina “Educação física esporte e sociedade” do Curso de Mestrado em Educação da Física da UFPR, jun. 2007.
- MARTINELLI, Marilu. **Aulas de transformação: o programa de educação em valores humanos**. 7 ed. São Paulo: Peirópolis, 1996.
- MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima N. **Formação humana e capacitação**. 4 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.



PUJOL I PONS, Eeteve; GONZALEZ, Inés L. **Valores para a convivência**. São Paulo: A Girafa, 2006.

REY, González. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.

RIOS, Terezinha A. A. Ética, ciência e inclusão social. In: CARVALHO, José S. (Org.). **Educação, cidadania e direitos humanos**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004, p. 118-129.

TOSCANO, Moema. **Introdução à sociologia educacional**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZAPATA, Tânia. Desenvolvimento local, 2003. In: DOWELS, A. M. (Org.).

**Responsabilidade e terceiro setor em discussão**: as grandes lideranças empresariais e sociais em Natal. Natal (RN): Natal Voluntários, 2005.